REVISTA ERR01 ISSN: 2595-1378

ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM: REFLEXÕES SOBRE A TÉCNICA DE ENSINO DE ESTUDO DO MEIO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

TEACHING STRATEGIES: REFLECTIONS ON THE TEACHING TECHNIQUE OF ENVIRONMENTAL STUDIES IN HIGHER EDUCATION

ESTRATEGIAS DE ENSEÑANZA: REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA TÉCNICA DE LOS ESTUDIOS AMBIENTALES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

https://doi.org/10.56238/ERR01v10n3-018

Sirlei Bertolini Soares
Especialista em Gestão Pública
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campus São Paulo
E-mail: talitadsm@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-2306-2997
Lattes: http://lattes.cnpq.br/23692563785538683

Solange Carneiro Janaite David
Graduada em Pedagogia
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campus São Paulo
E-mail: d.janaite@aluno.ifsp.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0005-2306-2997
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6382938515243120

Talita dos Santos Molina Peraçoli
Mestre e Doutora em História Social
Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
E-mail: talitadsm@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9492-7151
Lattes: https://lattes.cnpq.br/40045393317210312

RESUMO
Este artigo apresenta uma reflexão sobre processos de ensinagem na universidade, tomando como exemplo a técnica de ensino de Estudo do Meio. A ideia surgiu da constatação de que temos poucos artigos e/ou livros que abordam uma conceituação geral do significado e utilização de Estudo do Meio em disciplinas do ensino superior, evidenciando a necessidade de escrever um artigo sobre essa temática. O objetivo deste texto está em trazer reflexões sobre a utilização do estudo do meio como estratégia de ensinagem na educação superior. A metodologia utilizada para elaboração desse artigo foi qualitativa, apoiada em pesquisas bibliográficas. Como resultado temos que a técnica de ensino de Estudo do Meio se mostrou como uma ferramenta efetiva a ser utilizada na educação superior, pois possibilita aos discentes um diálogo entre a teoria e prática na sua formação.

Palavras-chave: Educação. Educação Superior. Estratégias de Ensinagem. Estudo do Meio. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT
This article presents a reflection on university teaching processes, using the Environmental Studies teaching technique as an example. The idea arose from the realization that we have few articles and/or books that address a general conceptualization of the meaning and use of Environmental Studies in higher education disciplines, highlighting the need to write an article on this topic. The objective of this text is to reflect on the use of environmental studies as a teaching strategy in higher education. The methodology used to prepare this article was qualitative, supported by bibliographical research. As a result, we can conclude that the Environmental Studies teaching technique has proven to be an effective tool for higher education, as it allows students to engage in a dialogue between theory and practice in their training.

Keywords: Education. Higher Education. Teaching Strategies. Environmental Studies. Interdisciplinarity.

RESUMEN
Este artículo presenta una reflexión sobre los procesos de enseñanza universitaria, utilizando como ejemplo la técnica de enseñanza de Estudios Ambientales. La idea surgió al constatar la escasez de artículos y/o libros que abordan una conceptualización general del significado y el uso de los Estudios Ambientales en las disciplinas de la educación superior, lo que resalta la necesidad de escribir un artículo sobre este tema. El objetivo de este texto es reflexionar sobre el uso de los estudios ambientales como estrategia docente en la educación superior. La metodología empleada para la elaboración de este artículo fue cualitativa, con apoyo en investigación bibliográfica. Como resultado, podemos concluir que la técnica de enseñanza de Estudios Ambientales ha demostrado ser una herramienta eficaz para la educación superior, ya que permite a los estudiantes entablar un diálogo entre la teoría y la práctica en su formación.

Palabras clave: Educación. Educación Superior. Estrategias Docentes. Estudios Ambientales. Interdisciplinariedad.

ISSN: 2595-1378

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma proposta que surgiu a partir do componente curricular Didática e Metodologia de Ensino na Educação Superior, pertencente ao curso de Especialização em Docência na Educação Superior, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/SPO). Tendo em consideração a relevância em entender a técnica de ensino de estudo do meio, empregamos uma metodologia fundamentada em diversas referências bibliográficas, com destaque para o livro *Processos de Ensinagem na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*, de Léa das Graças Camargo Anastasiou e Leonir Pessate Alves (2003).

Para melhor compreensão dessa estratégia, utilizamos livros e artigos de referência sobre o que se compreende como técnicas de ensino, dispondo o Estudo do Meio como modelo. Dessa maneira, o objetivo deste artigo é apontar reflexões sobre a utilização do estudo do meio como estratégia de ensinagem na educação superior.

2 ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM: PROBLEMATIZANDO A TÉCNICA DE ENSINO

Para uma reflexão sobre a técnica de ensino de Estudo do Meio, primeiramente, devemos compreender o termo ensinagem. Importante destacar que em nosso estudo temos a compreensão de que os conceitos método e técnica não são iguais e por essa razão consideramos relevante discutir aqui essas divergências, para que assim o leitor possa entender o porquê de estarmos colocando o Estudo do Meio como técnica de ensino a ser inserida dentro de um processo de ensinagem.

Dessa maneira, em nossa discussão não abordaremos o Estudo do Meio como metodologia de ensino, conforme muitos autores colocam, mas sim como técnica de ensino. Para tal, teremos como referência o texto de José Carlos de Araújo, *Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino*, no qual o autor faz uma reflexão sobre as técnicas de ensino inseridas no processo de ensinagem em sala de aula, pensando o professor como mediador e o aluno como protagonista nesse processo de ensino (ARAÚJO, 2011).

Isso posto, entendemos que o termo ensinagem pode ser usado para indicar uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender, em um processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela (ANASTASIOU; ALVES, 2003). Nesse processo, o envolvimento dos sujeitos, em sua totalidade, é fundamental.

> Além do *o que* e do *como*, pela ensinagem deve-se possibilitar *o pensar*, *situação em que cada estudante possa reelaborar as relações dos conteúdos*, *por meio* dos aspectos que se determinam e se condicionam mutuamente, numa ação conjunta do professor e dos alunos,

ISSN: 2595-1378

> com ações e níveis de responsabilidades próprias e específicas, explicitadas com clareza nas estratégias selecionadas (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 20).

Compreendendo as estratégias como ferramentas de trabalho a ser definida pelos docentes, Anastasiou e Alves (2003) afirmam que nesse contexto é fundamental a mediação docente, que prepara e dirige as atividades e as ações selecionadas, levando os alunos ao desenvolvimento de processos de mobilização, construção e elaboração da síntese de conhecimento (ANASTASIOU; ALVES, *apud*, VASCONCELOS, 1996).

Dessa forma, pensando as técnicas de ensino como elemento componente do processo pedagógico-escolar, estes devem estabelecer

> relações com a totalidade social, dispondo, portanto, de uma autonomia relativa e subordinada a outros componentes do referido processo. É nesse sentido que seu lugar pedagógico, escolar e social se inscreve em nosso horizonte de preocupações (ARAÚJO, 2011, p.14).

Assim, o aspecto técnico do ensino é um elemento constituinte do pedagógico e, portanto, devemos dimensionar a prática pedagógica como uma faceta da dimensão escolar, e esta como uma dimensão da prática social (ARAÚJO, 2011, p.24). Contudo, precisamos destacar que as técnicas de ensino não são neutras, elas devem ser compreendidas dentro de sua situação histórico-social, como um componente da racionalidade que se busca imprimir ao processo pedagógico. Portanto, o "conjunto de suas orientações é construído em vista da realização da prática pedagógica" (ARAÚJO, 2011, p.25).

Como elemento componente do processo de ensino e de aprendizagem escolares, as variadas técnicas possibilitam variadas intermediações entre o professor e o aluno, pois

> ora estão mais ou menos centradas (como é o caso do estudo dirigido, do estudo de texto e da pesquisa bibliográfica), ora mais ou menos centradas na individualização (como é o caso do ensino programado) ou na socialização do educando (como é caso do estudo do meio, do seminário, do debate, da discussão e enfim, do trabalho em grupo de modo geral). (ARAÚJO, 2011, p.25).

Portanto, as técnicas de ensino se situam no limiar da intersubjetividade entre professor e aluno, desse modo, as técnicas "estão destinadas ao professor e ao aluno, e não estes às técnicas" (ARAÚJO, 2011, p.26).

Importante priorizar que as técnicas de ensino não são capazes de realizar tudo sozinha, "é preciso concebê-la como encadeada a outras técnicas e a outros elementos componentes do processo pedagógico" (ARAÚJO, 2011, p.26).

ISSN: 2595-1378

Necessário compreender também que, de acordo com Araújo, existem distinções entre método, técnica e processo. São diferenças sutis e tênues, mas devemos ter essa compreensão para uma melhor "eficiência" do processo pedagógico.

Em suma, tendo a consciência de que as técnicas, dentro do processo pedagógico, são apenas instrumentos, eles estão a serviço de quem o utiliza, e só tem valor em relação à finalidade que o homem lhe impõe. Assim,

> Pode se observar que as distinções entre método, técnica e processo são bastante sutis e tênues. Isso também se verifica na identificação de *técnicas* com as expressões *estratégia*, *tática*, *instrumento*, ou quando se procura a significação de *processos* e *procedimentos*. Nesse nível, é preciso que se afirme uma vez mais que o problema primeiro que as técnicas de ensino pretendem solucionar é o direcionamento do aspecto metodológico do mesmo. [...]. Nesse patamar é que se encadeia a metodologia de ensino. Por isso, a nosso ver, parece descabido afirmar a autonomia, ou até a existência em si, da dimensão metodológica do ensino, como se ela possuísse uma unidade transcendental (ARAÚJO, 2011, p. 28-29).

Elucidado essa diferenciação entre técnica e método e compreendendo como a metodologia e a técnica devem ser inseridas dentro de um mesmo processo de ensinagem, consideramos relevante sinalizar que a técnica de Estudo de Meio nem sempre foi vista e/ou desenvolvida pelos docentes do mesmo modo, chegando até a ser proibida (ou esquecida?) por estes em determinada época de nosso país. Assim, de acordo com Araújo (2011), temos uma "trajetória histórica de interpretação sobre a técnica de ensino de Estudo do Meio" a apreender. Para que fique mais compreensível ao leitor, elaboramos um quadro, o qual apresentamos a seguir:

Quadro 1 – Trajetória histórica de interpretação sobre a técnica de ensino de Estudo do Meio

O Estudo do Meio e sua situação histórico-social		
Década de 1960	**Década de 1970**	**Metade da dec. 1980 até meados da primeira década do sec. XXI**
Reconhecido como técnica da "escola nova", contra a passividade do ensino tradicional;	- Hipertrofia solidificada da dimensão técnica no campo pedagógico-escolar (constrangedor não ser tecnicista); - Proibição durante o AI nº5 na Ditadura Militar (Cacete, Durões, Moura, 2021)	- Resgate do significado como técnica de ensino; (constrangedor ser tecnicista); - Preocupação central: responder sobre a significação e o lugar da técnica (Araújo, 2011, p. 22-23).
Principais autores: Balzan (1969); Magaldi (1965); Anísio Teixeira		Principais autores: Freinet (2004); Pontuschka (2004); Lopes (2009)
Proposta Científica: - Planejamento; - Execução; - Exploração de seus resultados; - Avaliação;		Proposta Científica (permanece a ideia, mas agora com criticidade e complexidade): Planejamento/ Execução/ Exploração de resultados/Avaliação;
*atividades didáticas semelhantes ao estudo do meio remonta às escolas anarquistas (anos de 1900).		- Técnica: concepções diferentes sobre relação HOMEM/SOCIEDADE e o papel da EDUCAÇÃO e da EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA;

		- realizada por pesquisa;

Fonte: elaborado pelas autoras, de acordo com a proposta de Araújo (2011).

Conforme o quadro demonstra, a técnica de ensino de Estudo do Meio, na década de 1960 era vista como inovadora, que iria contra a passividade do ensino tradicional, naquele momento questionado pelos adeptos da Escola Nova. Já na década de 1970, no período do governo militar, Araújo salienta que ocorreu uma hipertrofia na dimensão técnico-pedagógica escolar, colocando o processo de ensinagem de maneira mais tecnicista. Com o processo de redemocratização em meados da década de 1980, temos um resgate do significado de técnica de ensino, pois agora era constrangedor ser tecnicista e então a preocupação central se transforma em responder sobre a significação e o lugar da técnica, ou seja, é o que estamos procurando fazer nesse artigo, mas com foco na Educação Superior (Araújo, 2011, p. 22-23).

Desse modo, ao esclarecermos a definição e conceito sobre técnicas de ensino, partimos agora para as reflexões de como os autores pensam e discutem o que se compreende como Estudo do Meio.

3 CONCEITUAÇÃO DE ESTUDO DO MEIO

Para essa reflexão e debate sobre como definir o que se compreende por Estudo do Meio, utilizamos como referência três textos: *Estudo do Meio*, de Regina Célia de Santis Feltran e Antônio Feltran Filho; *Estudo do meio: teoria e prática*, de Claudivan Sanches Lopes e Nídia Nacib Pontuschka; e *O estudo do meio como processo gerador do ensino, pesquisa e extensão*, de Álamo Pimentel.

Procurando seguir uma linearidade de como se pensava a aplicação do Estudo Meio na aulas, iniciamos com o Estudo do Meio praticado pela Escola Anarquista, no início do século XX, que se instalou no Brasil por meio da imigração europeia em nosso país naquele período. Suas raízes eram fundamentadas em educadores que defendiam a Educação como condição social, como Ferrer e Guardya.

Pensando no contexto histórico, temos no início do século XX, principalmente em São Paulo, o desenvolvimento da indústria e suas reverberações. Os imigrantes almejam uma educação que tornasse o sujeito em ser crítico, para isso instalam escolas livres.

Segundo Pontuschka (2004, apud Lopes e Pontuschka, 2009, p. 176-177),

> as escolas criadas pelos militantes do movimento anarquista tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de campo, em discussões e na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola ao qual pertenciam os alunos.

ISSN: 2595-1378

Eram escolas independentes do Estado e se mobilizavam junto a associações culturais, sociais e políticos, obviamente totalmente contrárias ao interesse dos patrões e consequentemente do governo. Sendo assim, restaram aniquiladas.

A aplicação do Estudo do Meio pelos docentes em suas aulas passam a serem repensadas com o movimento da Escola Nova, que vinha em divergência ao Ensino Tradicional, no qual o Estudo do Meio deixa de ser um instrumento de alcance para a transformação social, como na visão anarquista, e passa a subsidiar a interação do sujeito com o meio.

Regina Célia de Santis Feltran e Antonio Feltran Filho trazem preciosa colaboração para pensar o Estudo do Meio em diversos aspectos. A partir de Sylvia Magaldi, 1965, e Newton Balzan, 1969, mostram a relação entre Estudo do Meio e métodos ativos, requisitados pela Escola Nova em oposição ao Ensino Tradicional, ilustrando alguns pontos:

> A própria sequência do Estudo do Meio, abrangendo um planejamento inicial, a execução [...] a exploração de seus resultados e sua avaliação constitui uma proposta científica de trabalho, que visa levar o aluno a se familiarizar com esse método, e a utilizá-lo em situações novas, com que porventura venha a se defrontar (Balzan, 1969, p. 100 apud Feltran; Feltran Filho in Veiga, 2011, p. 126).

Também abordam o interacionismo, afirmando que

> É uma técnica de grande importância, pois é através dela que se leva o aluno a tomar contacto com o complexo vivo, com um conjunto significativo que é próprio do meio, onde natureza e cultura se interpenetram (Balzan, 1969, p. 106 apud Feltran; Feltran Filho in Veiga, 2011, p. 126).
>
> ... afirmou-se como verdade pacífica... o princípio de que ESCOLA É VIDA e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido, não pode continuar a ser um compartimento fechado, pseudo-preparando para a vida, fora da vida. (Magaldi, 1965, p. 69 apud Feltran; Feltran Filho in Veiga, 2011, p. 126-127).

Contudo, para esses autores, o Estudo do Meio não é visto como uma técnica, mas sim como um método, ao destacar que

> O estudo do meio é além de um processo metodológico, um fim em si mesmo, dado o enorme valor informativo que apresenta... Estudar o meio, portanto, não significa contemplar a realidade. Significa, isto sim, trazer a realidade para dentro de si – assumi-la. (Balzan, 1969, p. 106 apud Feltran; Feltran Filho in Veiga, 2011, p. 127).
>
> ...estamos diante de um INSTRUMENTO do trabalho educacional, mas também de um FIM educacional em si mesmo. (Magaldi, 1965, p. 69 apud Feltran; Feltran Filho in Veiga, 2011, p. 127).

De acordo com Pontuschka, observa-se que a Escola Nova, apesar de amplamente divulgada, não prosperou na escola pública por diversos fatores, dentre eles as condições econômicas de execução das estratégias de ensino, e com a instauração do regime militar em 1964 o Estudo do Meio foi proibido nas escolas.

Dessa forma, após esse período, o Estudo do Meio ressurge durante movimentos que acompanharam o processo de redemocratização do Brasil e é reimplantado com objetivo interdisciplinar:

> No período de redemocratização em nosso país, com a crise do governo militar, a partir de 1978-1979, e o consequente processo de redemocratização do país, os Estudos do Meio retornaram à agenda dos educadores e exerceram papel destacado na gestão de Paulo Freire (1989-1990), como secretário municipal de educação durante a administração Luiza Erundina de Souza (1989-1993), na cidade de São Paulo. Naquele momento, o Estudo do Meio desempenhou a função de elo integrador de práticas interdisciplinares no âmbito da escola básica com resultados muito positivos (Pontuschka, 2004a, p. 260-268 apud Lopes e Pontuschka, 2009, p. 178).

A título de compreensão de como a técnica de Estudo do Meio foi sendo utilizada nos períodos que estamos trabalhando neste artigo, elaboramos um diagrama representando as diferentes abordagens do Estudo do Meio, o qual apresentamos no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Diagrama representativo das diferentes abordagens do Estudo do Meio



Fonte: elaborado pelas autoras.

Feltran e Filho trabalham ainda a desvinculação de afirmativas de senso-comum, esclarecendo, por exemplo, que o Estudo do Meio necessita ser desenvolvido a alcançar objetivos notoriamente definidos, tratando-se, pois, de uma técnica, e não um fim em si mesmo. Também chama a atenção para a interpretação das saídas a campo, salientando que deve ser uma ação vinculada do conteúdo e ao processo de ensinagem.

ISSN: 2595-1378

Ainda no sentindo de compreender o que vem a ser o Estudo do Meio, buscamos aproximar os estudos teóricos das práticas analisadas através dos artigos de Thaise Sutil, Michel D. Freitas; Beatriz F. de Lima e Ricardo Luiz de Bittencourt; Núria H. Cacete, Fabíola Alice dos A. Durães e Cleberson Henrique de Moura; e Luís Paulo L. Mercado, confluindo em possibilidades de desenvolvimento do Estudo do Meio que estão apresentadas a seguir.

Depreendemos, a partir de Anastasiou e Alves que o Estudo do Meio é uma estratégia de ensino que se desdobra a partir do estudo direto do contexto natural e social no qual o estudante é parte, objetivando uma problemática de forma interdisciplinar. E ainda, propicia o contato com a realidade e a aquisição de conhecimentos através da vivência. (Anastasiou; Alves, 2007 apud Sutil et al., 2018, p. 115).

Portanto, podemos assumir o Estudo do Meio sob diversos prismas, mas sempre atentos ao potencial de seu trabalho. Lopes e Pontuschka manifestam que:

> o Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar proporcionando a alunos e professores contato direto com determinada realidade e, que tal atividade pedagógica, é concretizada pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos. (2009, p. 173).

Alguns conceitos permeiam o Estudo do Meio, sendo essenciais para o seu desdobramento: Pesquisar; Desvendar; Compreender; Interdisciplinaridade; Social; Coletivo; Diálogo; Reflexão; Interpretação e análise crítica; Indissociabilidade entre teoria e prática; Desfragmentação dos conteúdos; Sujeitos atores; Construção e modificação.

É necessário que se faça um exercício de amplitude de olhar a esses, pois alguns deles estarão presentes no planejamento (seja do currículo, seja para ida a campo, ou em ambos), ou no pré-campo, ou no campo, ou no pós-campo, ou na avaliação (entenda aqui também todas as suas dimensões), ou em dois, ou em três, ou em quantos for desses.

Importante destacar que apesar de

Dado que o intuito aqui é refletir o Estudo do Meio como uma técnica de ensino, importante destacar que a maioria dos autores referenciados neste artigo pensam o Estudo do Meio como metodologia de ensino, não como uma técnica de ensino no qual pode estar integrada a uma metodologia de ensino, como proposto na Pedagogia da Alternância, aplicadas principalmente em escolas rurais.

Em suma, neste tópico procuramos expor como o conceito de Estudo do Meio é pensado por diversos autores, para assim podermos abordar experiências pedagógicas que utilizaram essa técnica

inseridas em estratégias de ensinagem de cursos de graduação, pós-graduação ou como projeto de extensão.

Assim, para melhor compreensão da definição da técnica de Estudo do Meio, apresentaremos a seguir quatro relatos de experiências de docentes que utilizaram o Estudo do Meio em seus processos de ensinagem, considerando a abordagem metodológica diversa desses professores.

4 DESENVOLVIMENTO E RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE ESTUDO DO MEIO

Dentro das reflexões apresentadas sobre técnica de ensino e diante da conceituação do estudo de meio, apresentamos a seguir quatro experiências de aplicação da técnica, escolhidas considerando-se a abordagem metodológica diversa.

A primeira experiência é a apresentada por Mercado (2018), na Universidade Federal do Alagoas (UFAL). O estudo de meio, nesse caso, foi aplicado de maneira curricular, no curso de Licenciatura de Educação Física, dentro da disciplina Técnicas de Informação e Comunicação (TIC), sendo o recorte feito nos anos de 2016 e 2017. O objetivo curricular era criar sequências didáticas para estudo do meio em vários espaços, considerando o local, a finalidade, o conteúdo a ser trabalhado, os conhecimentos prévios, as formas de registro e de avaliação.

Mercado (2018) explicita a elaboração de um planejamento de locais e temas considerados para que se faça uma incursão em outros espaços, diferentes dos frequentemente utilizados para práticas esportivas e recreativas, como por exemplo: museus, institutos de pesquisa, empresas de comunicação etc. Este planejamento previa o pré-campo, em que se providenciava a divisão em grupos para execução de roteiro, com objetivo, conteúdo e atividades. Depois os grupos partiam para o campo, aqui citamos um exemplo de um grupo que efetuou sua visita ao Instituto de Pesquisa, que tinha a finalidade de aproximar o estudante desse "mundo" com imersão sobre o que se pesquisa na área de prática de esporte, vivenciar práticas da rotina em laboratórios, exploração de materiais, anotando e observando. Então, a partir dessa experiência, se desenvolveria o pós-campo, em que ocorreria a sistematização em forma de relatório, cartilhas, ebook ou blog dessa vivência.

Esse primeiro caso nos mostra uma prática mais alinhada à pedagogia da Escola Nova, uma metodologia construtivista, onde o aluno assumiria o protagonismo na construção do conhecimento.

Uma segunda experiência destacada para nosso estudo foi a de Sutil, Freitas, Lima e Bittencourt (2018), que mostram como o estudo de meio foi utilizado na disciplina de metodologia em Ciências Ambientais, na Universidade Federal do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Neste caso o nível de ensino foi em pós-graduação e com uma abordagem de ensino que procura ser mais próxima da Pedagogia Histórico-Crítica, citando em sua construção de estratégia de ensino as autoras Anastasiou e Alves (2007), que trazem a “ensinagem” como metodologia de ensino e consideram para sua

aplicação o planejamento, execução e apresentação dos resultados. Nessa experiência o tema escolhido foi o das questões socioambientais, aplicadas em um local de importância para o entorno: o Balneário de Ilhas – antiga colônia de pescadores, onde predomina Mata Atlântica, economia baseada na pesca e no turismo. O objetivo escolhido foi identificar três eixos socioambientais: ameaças a biodiversidade, serviços prestados e perdidos pela biodiversidade e presença e ausência de bioindicadoras. O pré-campo se deu com 8 aulas de preparo teórico, expositivas e dialogadas. Para a ida ao campo executou-se um planejamento em sala na data prevista (parte da manhã), fazendo a divisão em grupos multidisciplinares, com organização de protocolos para os registros em campo, e posterior ida ao campo (período da tarde) para a coleta dos dados. No pós-campo, algumas aulas foram utilizadas para a apresentação dos dados, e o resultado final foi um seminário, para troca de experiências entre os grupos.

A experiência na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), apresentada por Álamo Pimentel (2020), é a terceira experiência que apontamos. Essa prática, em específico, une ensino, pesquisa e extensão, envolvendo, então, a universidade de um modo mais amplo. Se incorpora ao componente curricular do 1º ano de Formação Geral, e o recorte deste estudo de Pimentel (2020) se deu do início 2018 até 2019. A Universidade escolheu o tema desigualdades sociais e desequilíbrios ambientais, sendo ancorado em um tema de fundo mais geral e global baseado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) e Agenda 2030. Fica destacado que o objetivo seria a escolha por demanda de ONGs locais e estas propuseram a ênfase na educação ambiental, propondo a escolha da Vila de Santo André, famoso local de turismo, para a aplicação desse objetivo.

Nessa terceira experiência, o pré-campo ou 1º ciclo, como Pimentel (2020) indica, utiliza para formação textos base, de autores importantes para o tema, como Bauman e Dowbor, e especifica a escolha de sete ODS para a divisão em grupos. Esse primeiro ciclo se realiza com oficina em sala de aula para planejamento do estudo do meio, com análise de tutorial próprio elaborado pela universidade e elaboração do roteiro das entrevistas. No campo ou imersão na comunidade, realizado em 2019, foram utilizadas rodas de conversa, que envolviam a comunidade e os alunos com um intuito de "operar modos de fazer-dizer, para gerar modos de fazer-ver" (Pimentel, 2020). No pós-campo esse produto dos relatos das rodas de conversa e das imagens captadas, foram organizados em algumas aulas e geraram uma exposição apresentada na própria Vila: "Olhares e Vozes de Santo André sobre o Meio Ambiente", fazendo cumprir o intuito da extensão, quando se aplica a devolução para a comunidade do produto da pesquisa. Pimentel (2020) traduz sua maneira de entender o estudo de meio:

> [...] o meio não é lugar de oposição à sala de aula, é paisagem de composição de trilhas do ir e vir que conferem outros corpos e ritmos socioambientais aos modos de fazer o ensino, a pesquisa e a extensão universitários" (Pimentel, 2020, p. 1551).

Concluindo a apresentação das experiências, a quarta e última veio da aplicação do estudo de meio no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de São Paulo (USP), na disciplina Metodologia de Ensino com objetivo de prática interdisciplinar, uma experiência no ano 2018, aplicada em 15 aulas, explicitada pelos autores Cacete, Durães e Moura (2021). O local de aplicação da prática foi nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista, com os temas: área cafeeira, mão de obra escravizada, expansão econômica, marcas na paisagem de exclusão, desigualdades sociais, discriminação e subtração de cidadania. No pré-Campo aconteceu a discussão da metodologia, organização em grupos, reconhecimento do espaço, rodas de conversa, projetos e roteiros, organização e definição formatos. A ida ao campo se deu com dois dias de imersão com observação dirigida, visitas monitoradas, observação a pé, entrevistas e fim do dia com rodas de conversa, já no pós-campo houve a sistematização e organização do material, nova roda de conversa para reflexões, três aulas para análise material e a apresentação final com coletivização. O interessante desta experiência foi que os autores documentaram o impacto deste tipo de prática para os alunos, trazendo os depoimentos de três estudantes e destacando ser evidente o reconhecimento da contribuição desse contato direto que o campo propicia, destacado nas palavras: “realidade”, a “cidade”, os “moradores”, a “cultura material”, e na classificação da experiência como: “enriquecedora”, que “atinge profundamente”. Ainda no depoimento, a fala dos alunos: “colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso”, e “uma disciplina síntese da graduação”, corrobora a importância que teve a prática nesse sentido. Em comum aos três depoimentos, os autores citam o emprego de pronomes indefinidos e advérbios de intensidade com conotação positiva sobre essa experiência – “melhor aula”, “aprendi muito”, “extremamente enriquecedora” e “fez toda a diferença”, ainda destacam que, no local, pode se obter um aprendizado intenso e significativo, que impacta a formação de futuros professores. Isso fica nítido também em palavras e trechos destacados dos depoimentos como: “inesquecível” e “me fez repensar muito sobre a importância e responsabilidade que é ser professor de humanidades”.

Como reflexão, ressalta-se o que os autores trazem nas suas considerações finais:

> os conhecimentos e os procedimentos metodológicos mobilizados neste estudo do meio contribuem para o exercício profissional dos/as futuros/as professores/as, pois, entre outros aspectos, trata-se de uma metodologia que busca superar o clássico distanciamento dos conteúdos da realidade, produzindo um enfrentamento dinâmico da realidade como prática social com a teoria sobre essa mesma realidade, estabelecendo um patamar superior no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem (Cacete; Durães e Moura, 2021, p. 559).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se praticar o Estudo de Meio, há que se observar os percalços para se atingir as boas práticas. Um dos desafios está no preparo, aqui expomos que pensar o objetivo, escolher local e

ISSN: 2595-1378

observar a logística é muito importante. Outro ponto desafiante está no controle sobre o resultado e sobre o campo, pois podem se impor problemas ambientais, ou com pessoas, ou também com o tempo de uma forma geral. Um desafio que está em quase todas as práticas e não escapa ao estudo de meio, é que pode não funcionar para alguns indivíduos, visto que tem que engajar cada pessoa para vivenciar a experiência, dar foco no campo, e fazer com que, individualmente, se entenda o significado dessa experiência.

Essa prática também é trabalhosa para a instituição e para os professores, pois existe a preocupação com os alunos fora do ambiente estrutural escolar, agravado em viagens distantes, mesmo se tratando de alunos adultos, são muitas responsabilidades que podem ser atribuídas aos organizadores; e por fim o produto final para a devolutiva pode não ser o que se pretendia no início, ao se pensar na prática, o que pode frustrar todas as partes envolvidas.

Os conhecimentos e os procedimentos metodológicos mobilizados para utilizar a técnica de estudo do meio contribuem para o exercício profissional dos/as futuros/as professores/as, pois, entre outros aspectos, trata-se de uma técnica que busca superar o clássico distanciamento dos conteúdos da realidade, produzindo um enfrentamento dinâmico da realidade como prática social com a teoria sobre essa mesma realidade, estabelecendo um patamar superior no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem (Cacete; Durães e Moura, 2021, p. 559).

> [...] o meio não é lugar de oposição à sala de aula, é paisagem de composição de trilhas do ir e vir que conferem outros corpos e ritmos socioambientais aos modos de fazer o ensino, a pesquisa e a extensão universitários (Pimentel, 2020, p. 1551).

Desta forma, o estudo do meio mostrou-se como uma ferramenta positiva a ser utilizada na educação superior. A mesma pode ser aplicada, como por exemplo, através de atividades de grupos interdisciplinares, pois possibilita um diálogo de saberes e um confronto entre os conhecimentos.

Dentre as diferentes instituições de ensino existentes, pode-se destacar que as instituições de ensino superior ocupam um papel importante no cotidiano das pessoas, sendo inseridas em seu meio por conta de suas atividades de pesquisa ou de extensão. Estas duas ações aliadas ao ensino compõem basicamente os três pilares de uma universidade. Para que a pesquisa e a extensão sejam realizadas de forma totalitária, a educação deve ser mediada de maneira efetiva e transdisciplinar.

Neste sentido, a universidade é o local onde se possibilita o exercício do ensino crítico e serve como cenário para o desenvolvimento do conhecimento, onde este deve ocorrer de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, a fim de que o profissional seja capaz de praticá-lo como estratégia para resolução dos diversos problemas que circundam a sociedade. Aliado à universidade, o ensino também sustenta a pesquisa e a extensão. Diante desta perspectiva sabe-se que o professor desempenha

ISSN: 2595-1378

um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, já que muitas vezes aquele que oferece o suporte no ensino é o mesmo que desenvolve os trabalhos de extensão e pesquisa, promovendo aos discentes desta instituição, a possibilidade de integrarem seus conhecimentos práticos e teóricos assumindo o compromisso de serem os protagonistas do futuro (Almeida; Pimenta, 2014) (SUTIL; FREITAS; LIMA; BITTENCOURT; 2018, p. 120).

Um dos elementos básicos de discussão da ação docente, refere-se ao ensinar, ao aprender e ao apreender (ANASTASIOU, 2015). Visto como um dos elementos básicos de discussão da ação docente, a compreensão do que seja ensinar é um elemento fundamental nesse processo, e foi isso que procuramos tratar nesse artigo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargo. ENSINAR, APRENDER, APREENDER E PROCESSOS DE ENSINAGEM.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. *In:* VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de Ensino: Porque não?*. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 11-35.

CACETE, Núria Hanglei; DURÃES, Fabíola Alice dos Anjos; MOURA, Cleberson Henrique de. O estudo do meio como opção metodológica na formação inicial de professores/as de Geografia: relato de experiência nas cidades históricas do Vale do Rio Paraíba do Sul Paulista. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 102, n. 261, p. 543–563, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/i/2021.v102n261/. Acesso em: 18.out.2023.

FELTRAN, Regina Célia de Santis; FELTRAN FILHO, Antônio. Estudo do Meio. *In:* VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de Ensino: Porque não?*. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 121-137.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. *GEOGRAFIA (Londrina)*, Londrina, Paraná, v. 18, n. 2, p. 173–191, 2009. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360.. Acesso em: 18 out. 2023.

MELLO, Elena Maria Billig; FREITAS, Diana Paula Salomão de. Possibilidades formativas para os docentes universitários: compromisso institucional. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 67, 2018, p. 249-263.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Sequências Didáticas envolvendo exploração da realidade: Estudo do Meio em Aulas de Educação Física Escolar. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA, 10.; 2018, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019, p. 1-13. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/254.pdf. Acesso em: 18.out.2023.

PIMENTEL, Álamo. O Estudo do meio como processo gerador do ensino, pesquisa e extensão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, São Paulo, v. 15, n. 2, p.1538-1552, 2020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13827. Acesso em: 18.out.2023.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de Estudo de Meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. *In*: VESENTINI, José William. *O ensino de Geografia no século XXI.* Campinas, SP: Papirus, 2004, p. 249-268.

SUTIL, Thaise; FREITAS, Michel Daros; LIMA, Beatriz Fernandes de; BITTENCOURT, Ricardo Luiz de. O estudo do meio como estratégia de ensino na educação superior. *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 109–121, 2022. Disponível em: https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/684. Acesso em: 18.out.2023.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de Ensino: Porque não?*. Campinas, SP: Papirus, 2011.